

Rio/Brasília, de kombi

A caminho da inauguração da nova Capital

André Gustavo Stumpf
Editor

Vários motivos fazem alguma viagem se tornar inesquecível. Uns viajam na imaginação, outros por terra, mar ou ar. Mas a viagem, a sensação de ser transportado para outra atmosfera, para uma situação diferente ou um desafio iminente faz com que algum momento de sua vida seja inesquecível.

Vivi algumas situações desse porte. A primeira delas ocorreu no dia 21 de abril de 1960, quando assisti, na Praça dos Três Poderes, o povo dançar, literalmente, na companhia do presidente João Kubitschek. Foi de longe o espetáculo mais impressionante que vi um político atravessar.

As pessoas se jogavam a seus pés, beijavam suas mãos ou simplesmente choravam. Gente simples, gente do povo, os candangos que tinham descoberto no Planalto Central uma nova perspectiva para as suas existências.

Essa história já contei em outra coluna neste jornal. Mas a viagem, desde o Rio até Brasília foi, realmente, inesquecível. É preciso voltar, um pouco, no tempo. O Brasil de 1960 não tinha nada de parecido com o Brasil de hoje. Os brasileiros não tinham o costume de viajar de automóvel pelo simples fato de não haver estradas.

JK inaugurou a ligação rodoviária entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro. E dias antes da inauguração da nova Capital, inaugurou também a ligação asfaltada de Brasília com a capital mineira. Ficou fácil vir do Rio até Brasília.

A oposição carioca — Mas a idéia de viajar a Brasília definitivamente não era bem vista no Rio. Meus colegas de escola e meus professores no vetusto Colégio Andrews, na praia de Botafogo, desdenhavam a mudança da Capital. O melhor elogio que Juscelino recolhia por aquelas bandas de louco, maluco e visionário.

Não consegui que o colégio me desse uns dias de folga. Invenitei uma gripe forte e entrei no carro novíssimo de meu pai, uma Kombi (ainda com motor 1.200), orgulho da recém inaugurada indústria nacional.

Resfolegante — Até Juiz de Fora a

Kombi, resfolegante, levou três horas e meia. No final do dia chegamos a Belo Horizonte, que ainda tinha árvores na avenida Afonso Pena. Dormimos no Hotel Financial, então chiquíssimo, e jantamos na cantina do Ângelo, especializada em comida italiana. Amigos informam que ela ainda existe.

Até Belo Horizonte, tudo bem. O desconhecido viria depois. Os jornais do Rio anunciavam a possibilidade de um golpe de Estado. Diziam também que Juscelino havia criado uma realidade inexistente. Não haveria estrada, asfalto, nem Brasília. Avançamos devagar por cautela e por causa da Kombi que raramente ia além dos oitenta quilômetros por hora.

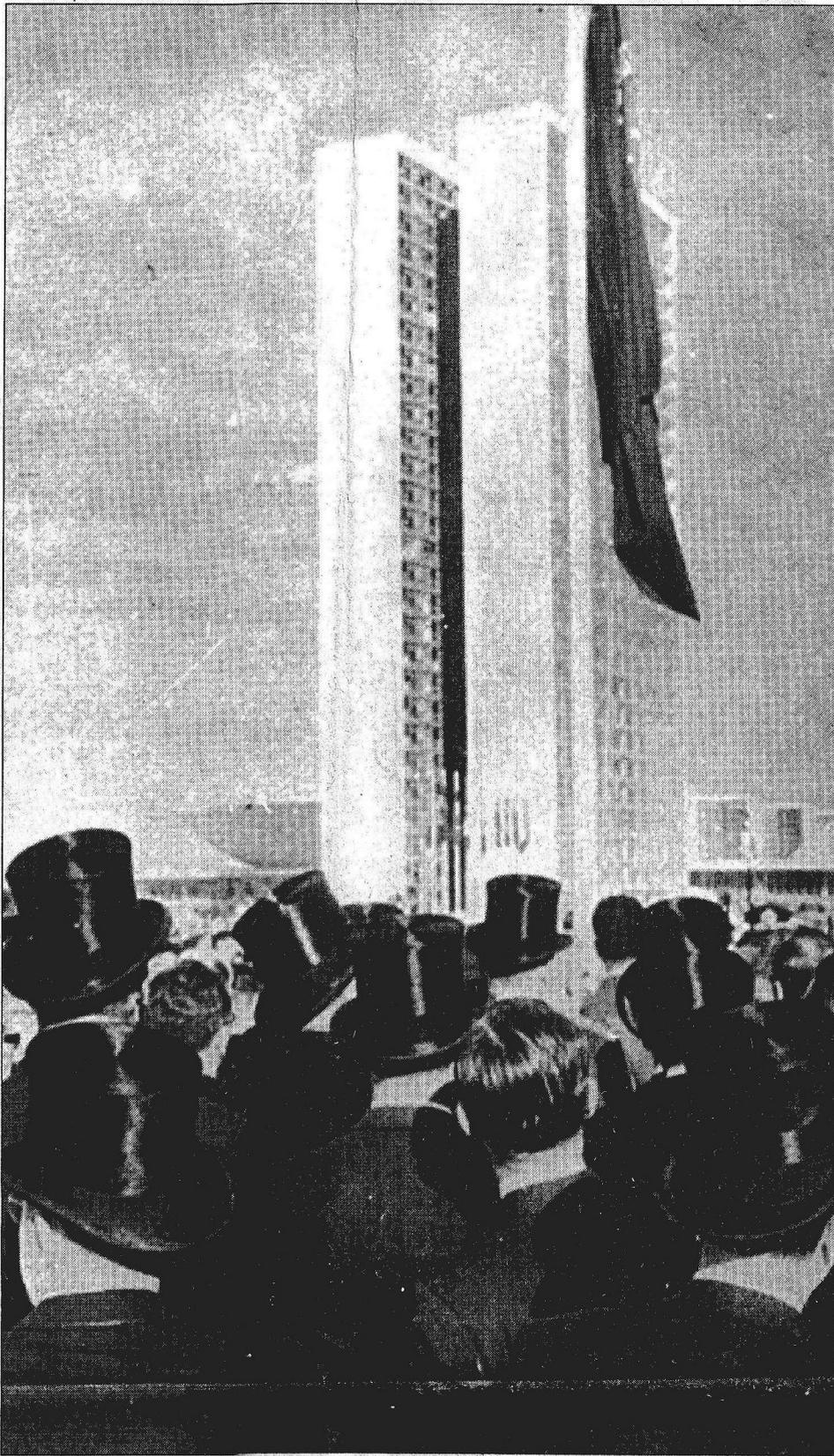
Desconhecido — Depois do trevo de Curvelo, 120 quilômetros após Belo Horizonte, descobrimos uma ótima estrada asfaltada, que apresentava a intervalos regulares alguns postos de gasolina. Os jornais afirmavam que iria faltar combustível. Não aconteceu nada. A novidade ficou por conta de soldados de Exército que guardavam pontes e obras de arte. Juscelino também temia um golpe nas suas pretensões de inaugurar a nova Capital.

Conseguimos, com algum esforço chegar a Paracatu, onde dormimos no Walsa Hotel - este, sem dúvida existe até hoje. Guardei na memória o delicioso picadinho com arroz e farofa que comemos no jantar. Naquela altura e diante de tanta angústia, o Walsa Hotel foi um oásis inesquecível. Havíamos, afinal, chegado a algum lugar.

No dia seguinte, quatro horas depois de sair de Paracatu, enxergamos na linha do horizonte os contornos do que seria Brasília. A capital, naquela época, limitava-se a umas poucas superquadras. Estavam em final de construção a 105, 106, 107, 108 e a 114 sul. Estavam quase terminadas as 409 e 410 sul. Só. Passamos pela tropa de Fuzileiros Navais que levou um mês para fazer o percurso Rio-Brasília. A pé.

Poeira — Ficamos hospedados em um apartamento na SQS 409. Não havia grama, não existiam lojas, mas as ruas já estavam asfaltadas. O apartamento onde passamos algumas noites ficava em frente a um botequim administrado por estrangeiros. Hoje é o La Chaumière.

Fotos Arquivo



Um dos primeiros atos oficiais em Brasília foi o baile à caráter no Palácio do Planalto



Juscelino no auge de sua viagem em direção à modernidade

